

Diploma provoca emoção e orgulho

Dona Raimunda, que se chama Geralda, aproveita a presença da repórter e manda recado ao Governo. Sua voz quer agora ir de Ceilândia Norte ao Planalto, dizer em letra de imprensa que é preciso dar mais valor e atenção ao ensino. "Como é que vamos ter um País com um bocado de analfabetos?", indigna-se a irrequieta ancia.

Os pequenos olhos azuis brilham na face de traços firmes, emoldurada pelo cabelos presos em um coque. Dona Raimunda conta como foi a UnB, dia 7, com mais 229 pessoas, receber o primeiro diploma de seus 60 anos de vida: o certificado de conclusão de um curso de alfabetização de quatro meses, promovido pelo Centro de Educação Paulo Freire, de Ceilândia, uma instituição independente, que atua sob supervisão da Universidade, e atualmente mantem seis turmas, com um total de 120 alfabetizando, na Ceilândia, Guará e Sobradinho. É onde ela sentiu também a emoção de fazer seu primeiro discurso. Na UNB, com voz amplificada e tudo, a professora Maria Luiza Angelim coordena o Programa de Alfabetização de Adultos e não deixa dúvidas: chegassem de fato ao Planalto a indignação e o entusiasmo de dona Raimunda, e o

Brasil não gastaria sequer os 10 anos estipulados na Constituição para erradicar o analfabetismo.

Nome trocado

Dona Raimunda conhece como ninguém as dificuldades dos iletrados. Em sua cidade natal, no interior do Rio Grande do Norte, ninguém leu, 60 anos atrás, a recém lavrada certidão de nascimento, e seu nome ficou sendo Geralda, embora o documento rezasse o contrário. Descoberto, tempos depois, o inusitado equívoco, o antropônimo Raimunda ficou reservado para raros momentos formais, como o casamento e a entrega do solitário diploma. No dia-a-dia, por ele a cidadã não atende: "Me chamo Geralda, mas meu nome é Raimunda da Silva Nazário", explica.

Isto trouxe dificuldades a Maria Madalena Torres, uma ex-freira de 26 anos, que hoje gasta parte de seu tempo com alfabetização de adultos e teve-a entre seus alunos. "Eu chamava Raimunda e ninguém atendia. Cuspei um pouco a descobrir que era ela", conta a alfabetizadora, habituada a cenas surrealistas, como a do marido enfurecido, que foi arrancar a esposa da sala de aula, certo de que ali estava uma fonte pontencial de adultério.

Este tipo de atitude machista não é regra geral, mas também nada tem de incomum e reflete um pouco da situação da mulher no Terceiro Mundo: alijadas do processo produtivo e portanto mais afastadas dos meios de ensino, elas representam 60% dos analfabetos. Nos cursos de alfabetização, constituem maioria invariavelmente. Em uma das turmas, mantidas pelo Centro de Ensino Paulo Freire, na Zona Rural de Sobradinho, de 23 alunos 21 são do sexo feminino.

A possibilidade de fazer compras sozinho, andar de ônibus sem necessitar de ajuda e viajar sem as agruras de não saber ler uma placa informativa são as vantagens mais citadas em cursos feitos às vezes com muito sacrifício. "Tenho uma aluna que anda seis quilômetros para ir até a sala de aula", conta Lígia Santana Pereira, 28 anos, uma das fundadoras do Centro de Educação Paulo Freire — submetendo-se, ela própria a tomar quatro ônibus, saindo de Ceilândia às 9h30 da manhã, para coordenar uma turma de alfabetizando no interior de Sobradinho, onde há aulas das 14 às 16h00, às segundas, quartas e sextas-feiras, em troca de um salário mínimo mensal e passes de ônibus. (M.C.)

ÍNDICES MAIS BAIXOS

Estado	População	Analfabetos	%
Distrito Federal	1.048.750	97.034	9,2
Rio de Janeiro	9.123.000	877.894	9,6
Santa Catarina	2.685.996	283.489	10,5

* Dados de 1986. Fonte: IBGE. (Analfabetos com cinco anos ou mais)

ÍNDICES MAIS ALTOS

Estado	População	Analfabetos	%
Alagoas	1.613.476	631.389	49,4
Piauí	1.348.548	652.652	48,4
Maranhão	2.614.696	1.144.392	43,8

* Dados de 1986. Fontes: IBGE (Analfabetos com cinco anos ou mais)